



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CAMPUS I
CENTRO DE CIÊNCIAS BIOLÓGICAS E DA SAÚDE
DEPARTAMENTO DE PSICOLOGIA
CURSO DE GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA**

FABRÍCIO MIGUEL DOS SANTOS

**SUICÍDIO NA LITERATURA BRASILEIRA: UMA ANÁLISE SOB OS ASPECTOS
DA DESTITUIÇÃO EXISTENCIAL NA AUSÊNCIA DE SENTIDO NA VIDA**

**CAMPINA GRANDE - PB
2021**

FABRÍCIO MIGUEL DOS SANTOS

**SUICÍDIO NA LITERATURA BRASILEIRA: UMA ANÁLISE SOB OS ASPECTOS
DA DESTITUIÇÃO EXISTENCIAL NA AUSÊNCIA DE SENTIDO NA VIDA**

Trabalho de Conclusão de Curso (artigo) apresentado à/ao Coordenação /Departamento do Curso de Psicologia da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito parcial à obtenção do título de Bacharel em Psicologia.

Área de concentração: Psicologia

Orientadora: Profa. Me. Raisa Fernandes Mariz Simões

**CAMPINA GRANDE - PB
2021**

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

S237s Santos, Fabrício Miguel dos.

Suicídio na literatura brasileira [manuscrito] : uma análise sob os aspectos da destituição existencial na ausência de sentido na vida / Fabrício Miguel dos Santos. - 2021.

28 p.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Psicologia) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Ciências Biológicas e da Saúde , 2021.

"Orientação : Profa. Ma. Raisal Fernandes Mariz Simões , Departamento de Psicologia - CCBS."

1. Suicídio. 2. Literatura brasileira. 3. Sentido de vida. 4. Logoterapia. I. Título

21. ed. CDD 362.28

FABRÍCIO MIGUEL DOS SANTOS

SUICÍDIO NA LITERATURA BRASILEIRA: UMA ANÁLISE SOB OS ASPECTOS DA
DESTITUIÇÃO EXISTENCIAL NA AUSÊNCIA DE SENTIDO NA VIDA

Trabalho de Conclusão de Curso (artigo)
apresentado à/ao Coordenação /Departamento
do Curso de Psicologia da Universidade
Estadual da Paraíba, como requisito parcial à
obtenção do título de Bacharel em Psicologia.

Área de concentração: Psicologia

Aprovado em: 08 / 10 / 2021.

BANCA EXAMINADORA

Raísa Fernandes Mariz Simões

Profa. Me. Raísa Fernandes Mariz Simões (Orientadora)
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

Thiago Silva Fernandes

Prof. Esp. Thiago Silva Fernandes
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

Adeilma Machado dos Santos

Profa. Me. Adeilma Machado dos Santos
(Convidada)

*Aos meus heróis que sempre me salvaram:
pai e mãe, isto, e tudo mais, é dedicado a
vocês.*

*À Suzana Vieira de Freitas, in memoriam,
querida colega que mostrou ferozmente
como lutar por um sonho pode ser
carregado de sentidos.*

Vivendo

*Como é que faz pra se manter em meio ao caos
Ter esperança mesmo sem ver o final
Vivendo
Vivendo
E pra superar perder alguém que amo demais
E essa sensação de que não sou capaz
Vivendo
Vivendo
Eu só não vou parar
Porque tem muita vida pra acontecer
Não vou parar
De alguma forma vejo um amanhecer
Não vou parar
Porque tem muita vida pra acontecer
Não vou parar
De alguma forma vejo um amanhecer
E pra superar perder alguém que amo demais
E essa sensação de que não sou capaz
Vivendo
Vivendo
Eu só não vou parar
Porque tem muita vida pra acontecer
Não vou parar
De alguma forma vejo um amanhecer
Não vou parar
Porque tem muita vida pra acontecer
Não vou parar
De alguma forma vejo um amanhecer
Vivendo*

(Kell Smith feat Pe. Fábio de Melo, 2021)

SUMÁRIO

1.	INTRODUÇÃO.....	7
2.	A LOGOTERAPIA COMO ABORDAGEM PSICOLÓGICA.....	9
2.1	Liberdade responsável e vazio existencial como conceitos da Logoterapia.....	11
3.	NATURALISMO, MODERNISMO E TENDÊNCIAS CONTEMPORÂNEAS: MOVIMENTOS LITERÁRIOS NA EXPRESSÃO DO COMPORTAMENTO HUMANO.....	12
4.	O SUICÍDIO NA LITERATURA BRASILEIRA E SUAS IMPLICAÇÕES PSICOLÓGICAS NA LOGOTERAPIA.....	16
5.	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	21
	REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	24

SUICÍDIO NA LITERATURA BRASILEIRA: UMA ANÁLISE SOB OS ASPECTOS DA DESTITUIÇÃO EXISTENCIAL NA AUSÊNCIA DE SENTIDO NA VIDA

SUICIDE IN THE BRAZILIAN LITERATURE: AN ANALYSIS UNDER THE ASPECTS OF EXISTENTIAL DESTITUTION IN THE ABSENCE OF MEANING IN LIFE

Fabício Miguel dos Santos¹

RESUMO

A literatura brasileira apresenta marcas de comportamento humano que muito interessam aos estudos de Psicologia. Sobre tal, o presente trabalho de revisão bibliográfica se estrutura da seguinte maneira: primeiramente, se faz uma condensação da Logoterapia como abordagem psicológica e o aprofundamento dos conceitos da teoria utilizados no trabalho - a liberdade responsável e o vazio existencial. A condução segue articulando os movimentos literários presentes nas obras *O Cortiço* (AZEVEDO, 1890), *São Bernardo* (RAMOS, 1934) e em *Barba Ensopada de Sangue* (GALERA, 2012), enquanto registros de expressão comportamental humana, objeto de estudo da psicologia. Observa-se a atuação das personagens Bertoleza, Madalena e o pai do professor de educação física associando-os aos conceitos e às implicações psicológicas, com objetivo específico de buscar pelo meio literário, investigar se o vazio existencial, promulgado pela falta de liberdade, foi suficiente para que os suicídios acontecessem. E, em resposta a essa especulação, por fim percebeu-se que diante das evidências a supressão da liberdade pode ocasionar uma frustração existencial, esta se torna suficiente para a prática do suicídio.

Palavras-chave: Suicídio; Literatura Brasileira; Sentido de vida; Logoterapia

ABSTRACT

The Brazilian literature shows marks of human behavior that are in the best interest of the Psychology studies. In this regard, the present bibliographical review is structured as it follows: first, a summary of Logotherapy as a psychological approach and the deepening of the concepts of theory used in the work – the responsible freedom and the existential emptiness. The analysis continues articulating the literary movements present in the works *O Cortiço* (AZEVEDO, 1890), *São Bernardo* (RAMOS, 1934) and in *Barba Ensopada de Sangue* (GALERA, 2012), while human behavior expression registers, Psychology study object. It is observed the performance of the characters Bertoleza, Madalena and the physical education teacher's father associating them with concepts and psychological implications, with the specific objective of searching through the literary medium, to investigate whether the existential void, promulgated by the lack of freedom, was enough for suicides to happen. And, in response to this speculation, it was finally realized that, based in the evidences, the suppression of freedom can cause an existential frustration, which it becomes enough for the practice of suicide.

Keywords: Suicide; Brazilian literature; Meaning of life; Logotherapy

¹ Graduando no curso de Psicologia pela Universidade Estadual da Paraíba – Campus I.
E-mail: fabicio.miguel@aluno.uepb.edu.br

1. INTRODUÇÃO

O suicídio é uma temática muito complexa e bastante estudada por diversos profissionais, desde os da saúde aos cientistas da sociedade. Ao passar dos tempos o suicídio foi se redesenhando diante dos aspectos culturais, sociais, religiosos e psicológicos. Isso posto, a dificuldade que se tem em abordar tal temática deriva da construção em forma de tabu sobre a não discussão de pautas que desagradam a sociedade contemporânea ocidental (SANTOS, et. al. 2019). A finitude da vida é um dos fatores que afasta a possibilidade de abertura para a discussão, por outro lado, a angústia experimentada pelos sujeitos por pensarem na possibilidade ao menos uma vez em suas vidas é outro fator determinante, (SOUZA, 2021).

O próprio termo “suicídio” significa morte de si mesmo, embora seja uma definição simples é necessário compreender que existem diversos porquês e atravessamentos capazes de mostrar relações diretas e indiretas na decisão de não mais viver, segundo Cassorla (2017). O que interessa à sociologia para Durkheim (2014) sobre o suicídio é justamente a análise de todo o processo social que recai não só sobre indivíduos isolados, mas sobre o conjunto social que eles compõem. Compreendendo que existem situações sociais, ambientais, psicológicas e biológicas (inerentes a todos os sujeitos) a psicologia se debruça com intensa dedicação quanto ao suicídio.

Para a abordagem psicoterápica da Logoterapia, criada pelo médico austríaco Viktor Frankl entre os anos de 1920 e 1923, a necessidade mais profunda do ser humano é ter sentido na vida. Isso faz com que a “vontade de sentido” seja a maior força motivadora para ele. Frankl defende que tudo que é do homem possui dimensão noológica, por possuir essa dimensão o homem se distingue dos animais. O aparecimento das neuroses noogênicas, dentre as quais o suicídio é recorrente, se dá através de problemas existenciais os quais estão diretamente associados à frustração de sentido (PETER, 1999). Maia, Pine e Bervique (2010) explicam que

A frustração, em si mesma, não é patológica nem patogênica; a preocupação ou mesmo o desespero da pessoa sobre se a sua vida vale a pena a ser vivida é uma angústia existencial, mas de forma alguma uma doença mental. Não se deve buscar a origem desta neurose no passado, nos conflitos entre e o ego e o superego etc; deve-se sim, buscá-la, nos problemas espirituais e existenciais, e no vazio existencial, a sensação de falta de sentido da vida domina um grande número de pessoas nos dias de hoje (p. 04).

Frankl dispõe em sua teoria inúmeros conceitos relacionados ao sentido na vida dentre os quais a liberdade, para este estudo, é fundamental. Sobretudo porque pretende se utilizar o referido conceito para se avaliar de que modo o mesmo influi sobre as decisões apresentadas

na análise do trabalho. Frankl preconiza que liberdade só é possível de ser compreendida através de atitudes responsáveis. A interdependência de ambas é fundamental para que o sentido de liberdade seja concebido em plenitude. A máxima frankliana *ser eu significa ser responsável* (FRANKL, 2017) é importante para o que será tratado, pois em circunstâncias em que as decisões pessoais são coordenadas ou simplesmente direcionadas por terceiros, cabe o questionamento quanto à existência de um ser autêntico, de um ser responsável e se este é mesmo livre.

Outro campo que pode ser utilizado, como feito neste estudo, é da literatura brasileira, contendo um dos mais importantes registros e marcas de comportamentos sociais abonados em personagens fictícios ou não. Sobre ela é suficientemente confortável fazer diversas análises e desenvolver estudos pelo robusto material que ela dispõe. Sobre isso, Andrade (2010) apresenta da seguinte maneira:

A literatura não se preocupa apenas em registrar fatos, mas apresenta também acontecimentos por meio dos quais é possível compreender melhor o comportamento das pessoas, dessa forma o estudo da literatura auxilia-nos a compreender melhor a natureza de nossas ações e sentimentos. A poesia é a linguagem dos sentimentos que não sabemos expressar nessas instancias a Literatura constitui-se a materialização dos sentimentos e emoções que não sabemos expressar. Ler obras literárias não é apenas percorrer com nossos olhos, páginas e mais páginas a procura de um final de enredo “eletrizante” ou um final feliz, significa também, lidar com sentimentos, emoções, dúvidas e perplexidades, e com todas as particularidades do ser humano. A Literatura não é estática; é uma força viva; é o reflexo do pensamento e do psiquismo de nossa sociedade; é um verdadeiro espelho de nossos comportamentos, por isso se torna ferramenta indispensável à compreensão e explicação do ser humano. (p. 06)

Com base nas informações apresentadas é possível considerar que existem inúmeras questões no campo psicológico referente às formas de comportamento humano, em especial às condutas que desembocam em suicídio, observadas a partir dos escritos da literatura brasileira. Gestada a partir dessa percepção a ideia deste trabalho consiste no objetivo específico de buscar pelo meio literário investigar se o vazio existencial promulgado pela falta de liberdade foi suficiente para que os suicídios acontecessem.

O artigo tem caráter de pesquisa científica bibliográfica, utilizando em sua confecção: publicação de livros, enciclopédias, artigos em periódicos, anais, dissertações, teses, resenhas e outros, relacionados à Logoterapia e a três obras da literatura brasileira nas fases do Naturalismo, Modernismo e da Literatura Contemporânea. A revisão elege o suicídio como tópico de análise central inquirindo-se o comportamento de três personagens. Em *O Cortiço* (AZEVEDO, 1890) a escrava pseudoforra Bertoleza, a figura de Madalena em *São Bernardo* (RAMOS, 1934) e em *Barba Ensopada de Sangue* (GALERA, 2012) tem-se o pai do professor de educação física (ambos anônimos). A ideia é fazer com que as concepções da

Logoterapia mencionadas sejam associadas ao proceder das personagens nas obras apresentadas.

Os conceitos a serem utilizados serão vazio existencial e liberdade responsável. A menção deles, parte da supressão da liberdade dos personagens que decidiram cometer suicídio. Tentando validar a hipótese do problema através da ciência psicológica logoterápica a pesquisa também visa fazer uma breve análise de que como os comportamentos e estilos sociais recaiam sobre os personagens.

Por tratar-se de uma pesquisa de abordagem hipotética dedutiva, será possível alinhar um motivo principal para os acontecimentos. Embora sejam diferentes no modo como ocorreram, existe um ponto comum entre tais, suficientes para unificar uma conclusão sobre os mesmos. Para uma explicação mais específica dos fenômenos serão utilizados os métodos de procedimento, tais como o histórico evolutivo, o observacional e o comparativo.

Diante do exposto percebe-se que importância do trabalho mante-se na relevância que ele possui diante da insuficiência ou a pouca produção de escritos científicos em psicologia associados ao comportamento social presente nas obras de literatura do Brasil. O mesmo ainda poderá contribuir no fomento de estudos futuros e na inauguração de um novo olhar sobre pesquisa científica em material existente. A literatura é a marca do nosso comportamento e cultura, que não é não somente erudita, mas vasta e documental.

2. A LOGOTERAPIA COMO ABORDAGEM PSICOLÓGICA

A Logoterapia, também conhecida como Terceira Escola Vienense de Psicologia é um sistema teórico-prático que foi fundada por Viktor Emil Frankl, um renomado Psiquiatra e Neurologista austríaco que, durante a Segunda Guerra Mundial, passou três anos em campos de concentração nazistas, incluindo Auschwitz. Após o período em que esteve confinado, Frankl aprimorou sua teoria a partir da própria experiência como prisioneiro e sobrevivente do holocausto (AQUINO e PENNA, 2016). Ao observar e sentir em sua pele o sofrimento dos campos de concentração, Frankl buscou compreender os processos que se sucediam diante de uma condição limite de sobrevivência (NETO, 2015).

Acerca da teoria psicológica da Logoterapia, pode-se considerar que a maior contribuição de Frankl refere-se a sua visão antropológica do homem como um ser tridimensional, que compreende a totalidade biológica, psíquica e espiritual/noética. A dimensão biológica é formada pelo sistema orgânico e fisiológico, a psíquica inclui os

elementos associados às sensações, os impulsos, o intelecto, dentre outros, e, a dimensão espiritual/noética confere aquilo que constitui o ser humano, as decisões autônomas da vontade, a liberdade, o sentimento, a ética, a religiosidade, a criatividade, etc (AQUINO e PENNA, 2016).

Além disso, a Logoterapia encontra-se fundamentada em três princípios básicos: a liberdade da vontade, o sentido da vida, e a vontade de sentido. A liberdade da vontade apresenta que o homem é livre para se posicionar diante de quaisquer que sejam as circunstâncias que sejam apresentadas a ele (FRANKL, 2011).

À liberdade da vontade contrapõe-se o que há de fatal. Com efeito, chamamos destino precisamente a tudo aquilo que escapa essencialmente à liberdade do homem e que não fica sob o seu poder nem sob a sua responsabilidade. No entanto, em nenhum momento se deve esquecer que toda liberdade humana depende do que há de fatal, na exata medida em que só neste elemento e a ele aderindo pode desenvolver-se (FRANKL, 2019, p. 162).

O segundo conceito de homem na Logoterapia é definido como sentido na vida, e preconiza a busca de um sentido concreto para a vida, com objetivos que, embora estejam em contínua mudança, não deixam de existir. Dessa forma, Frankl coloca que o importante não é o sentido na vida de um modo geral, mas antes o sentido específico de uma pessoa em um determinado momento da sua vida. Por fim, o último princípio compreende a vontade de sentido, em que o homem busca continuamente o significado para a sua vida. Esse pressuposto afirma que “a vida sempre tem um sentido, sendo sempre algo único para cada indivíduo” (FRANKL, 2011, p. 26).

[...] o desejo de sentido é independente de outras necessidades (tomando por base a escala de necessidade de Maslow), de maneira que a satisfação ou frustração de necessidade podem incentivar o homem a procurar o significado em sua existência (AQUINO e PENNA, 2016).

O significado da existência é concedido através da busca de um sentido para a vida. Frankl teoriza em seus escritos três caminhos em que se se pode encontrar um sentido, sendo eles através dos valores de criativos, valores vivenciais e/ou valores de atitude. Os valores criativos compõem as tarefas práticas que o ser humano é capaz de realizar, os valores vivenciais compreendem o encontro com algo ou alguém através do estar e viver no mundo, por fim, os valores de atitude abrangem o posicionamento do indivíduo mediante uma situação, sendo por hipótese uma situação de sofrimento, também nesta é possível encontrar um sentido (FRANKL, 2011).

Finalizando os fundamentos alicerçadores da logoterapia, Frankl teoriza sobre a tríade trágica da existência humana que compõe a dor, culpa e morte. Viver no mundo como ser

humano compõe esses três fatores, tornando-se algo inelutável (FRANKL, 2011). O sofrimento deixa de ser sofrimento no momento em que se encontra um sentido, sendo o ser humano capaz de transformar em aprendizado o sofrimento inevitável ao enxergar algo de bom nas situações, além de buscar evoluir mediante a consternação (AQUINO E PENNA, 2016).

2.1 Liberdade responsável e vazio existencial como conceitos da Logoterapia

Os conceitos de liberdade e vazio existencial que compõem a Logoterapia são fundamentais para compreender a dimensão e a singularidade que cada indivíduo compreende a si mesmo e o mundo. O ser humano é designador da sua vida, o que o compete responder à liberdade que o mundo lhe coloca, uma liberdade que demanda a condição da responsabilidade. Refletir sobre a responsabilidade é também remeter-se a um contexto histórico-social que envolve os valores subjetivos para cada indivíduo, a referência que será adquirida para tomada de decisão corresponde unicamente à escolha individual de emergir ou não a consciência o caráter de responsabilidade que sua existência carrega (HOLANDA e AMARANTE, 2013).

Frankl discorre que um problema começa a ser resolvido no instante em que estamos conscientes que cabe a nós responder a ele. As escolhas que assumimos no decorrer da nossa existência se concretizam através da responsabilidade que assumimos no presente, através da abertura ao mundo e da realização de valores, ou seja, a dinâmica existencial da liberdade-responsabilidade se concretiza através da autotranscendência humana (HOLANDA e AMARANTE, 2013).

Cabe a cada ser humano estabelecer uma hierarquia interna de valores que os coordene de modo a torná-los inteligíveis e, portanto, acessíveis. A partir desse suporte, a realização de valores no mundo é exatamente o que se espera da liberdade da vontade que busca por sentido de vida” (HOLANDA e AMARANTE, 2013, p. 24).

A vontade de sentido afirma que a vida sempre tem um sentido, sendo sempre algo único para cada indivíduo (FRANKL, 2011). A inexistência de sentido na vida, ou a frustração desta, pode levar o indivíduo a experimentar um tipo de neuroticismo que Frankl chamou de neurose noogênica, cuja consequência pode fomentar na violência, depressão e até suicídio (SILVEIRA e GRANDIM, 2015). A explicação para a consolidação do vazio existencial pode ser observada na historicidade, quando o pós-industrial eclodiu e o consumismo se

acentuou a fim de satisfazer as carências materiais, contudo, a condição existencial de encontrar sentido permaneceu frustrada por essa mesma sociedade (NETO, 2015).

[...] problema fundamental do homem moderno é o “vazio”. Gente que ignora o que quer, e não tem ideia nítida do que sente, não tem experiência definida dos próprios desejos e necessidades, oscila, sente-se impotente, oca, vazia. Pontuamos, ainda, algo frequente na clínica: as pessoas esperam do exterior o preenchimento de suas faltas (NETO, 2015).

Frankl discorre sobre a consequência de uma vida sem sentido no seu livro “A vontade de sentido”, ele advoga que a ausência de sentido pode ser explicada pelo totalitarismo ou conformismo. No totalitarismo o indivíduo inclina-se a fazer o que os outros querem que este realize, deixando de lado suas vontades, valores e concepções, no caso do conformismo ocorre uma repetição da existência do outro, no qual o sujeito reproduz o que outras pessoas realizam (FRANKL, 2011). Existindo de forma totalitária ou conformista o indivíduo não realiza seu sentido único, colocando-o em um estado de vazio existencial, tal vazio, pode gerar agravos à saúde mental.

3. NATURALISMO, MODERNISMO E TENDÊNCIAS CONTEMPORÂNEAS: MOVIMENTOS LITERÁRIOS NA EXPRESSÃO DO COMPORTAMENTO HUMANO

A literatura pode ser considerada, no campo das manifestações culturais humanas, uma forma de representação social e histórica. São através dela, que os registros feitos de modo estético e histórico, dão lugar às experiências humanas, as inquietações, as angústias, os sonhos, os medos, as práticas das sociedades que habitam em seus tempos históricos (BORGES, 2014).

Sobre a análise da literatura como forma de registro sócio-histórico-cultural, e do universo de possibilidades conduzido pela narrativa, Borges continua assim:

A literatura registra e expressa aspectos múltiplos do complexo, diversificado e conflituoso campo social no qual se insere e sobre o qual se refere. Ela é constituída a partir do mundo social e cultural e, também, constituinte deste; é testemunha efetuada pelo filtro de um olhar, de uma percepção e leitura da realidade, sendo inscrição, instrumento e proposição de caminhos, de projetos, de valores, de regras, de atitudes, de formas de sentir... Enquanto tal é registro e leitura, interpretação, do que existe e proposição do que pode existir, e aponta a historicidade das experiências de invenção e construção de uma sociedade com todo seu aparato mental e simbólico.

Sendo a literatura uma forma de ler, interpretar, dizer e representar o mundo e o tempo, possuindo regras próprias de produção e guardando modos peculiares de aproximação com o real, de criar um mundo possível por meio da narrativa, ela dialoga com a realidade a que refere de modos múltiplos, como a confirmar o que

existe ou propor algo novo, a negar o real ou reafirmá-lo, a ultrapassar o que há ou mantê-lo. Ela é uma reflexão sobre o que existe e projeção do que poderá vir a existir; registra e interpreta o presente, reconstrói o passado e inventa o futuro por meio de uma narrativa pautada no critério de ser verossímil, da estética clássica, ou nas notações da realidade para produzir uma ilusão de real. Como tal é uma prova, um registro, uma leitura das dimensões da experiência social e da invenção desse social, sendo fonte histórica das práticas sociais, de modo geral, e das práticas e fazeres literários em si mesmos, de forma particular (2014, p. 98, 99).

Para tanto, a literatura é vista como um dos elementos da construção do pensamento social. Ela marcha para os rumos de uma identidade nacional, uma vez que evidencia crenças e percepções pessoais. Esse movimento alicerça um pensamento voltado a como o homem enxerga sua vida e como ele se coloca diante do mundo (SANTOS, 2008). “Nesse sentido a literatura ganhou espaço entre os brasileiros desde o período colonial. No entanto, só a partir de meados do século XIX que ela se consolidou, pois passou a ter uma maior interação entre o autor e o público” (SANTOS, 2008, p. 01). Assim, os escritos literários passaram por inúmeras adaptações e mudanças quanto às suas estéticas e formas de relatar. As influências das “Escolas Literárias” sobremaneira no Naturalismo, Modernismo e na Literatura Contemporânea apontam não só registros históricos do contexto social de época, mas facetas variadas do comportamento humano e traços psicológicos a ele associados.

O Realismo, movimento literário que se move junto ao Naturalismo, apresenta sua marca de ruptura com o Romantismo a partir do momento em que se tem uma postura crítica e de intervenção à sociedade burguesa no final do século XIX. Aspectos como o desenvolvimento da ciência, o apontamento dos males que afligem a sociedade, a exclusão da idealização romântica, a exploração dos distúrbios econômicos e sociais e a transformação da cidade como espaço de representação social confessam o início de uma nova era na literatura (CANDIDO e CASTELLO, 1997).

Fundamentalmente, Candido e Castello (1997) concedem que as diferenças entre o Romantismo e o Realismo consistem na liberdade da subjetividade feita por um e na maximização da racionalidade tida por outro. Enquanto o Romantismo dava lugar às ideias da imaginação, das criações e do estilo clássico de literatura, o Realismo se comporta de modo inverso. Ele desnuda a sociedade burguesa, critica-a, tenta mudá-la e faz um retrato fiel da vida contemporânea.

O desdobramento do Realismo para o Naturalismo pode ser bem observado quando personagens e enredos circularem na atmosfera das “*leis naturais*” codificadas pela ciência da época (BOSI, 2017). Neste sentido a despeito da análise social da moral ou falta dela, promulgada pelo Realismo, o Naturalismo promove a inspeção direta da realidade tentando

compreender o homem através das suas dimensões social e biológica (CANDIDO e CASTELLO, 1997). O distanciamento romântico e a forma “crua” de apresentar o ser humano sofreram severas críticas por parte de inúmeros conservadores do Romantismo. Marginalizado o Naturalismo apresenta sua força através das obras de escritores tidos como denunciadores da realidade social (FLOR, 2015).

No Brasil a obra literária mais conhecida do Naturalismo é sem dúvida *O cortiço* (1890), de Aluísio Azevedo, segundo Fritsch (2017). O romance expõe uma bruta relação entre as personagens, importando muitas vezes apenas interesses ao dinheiro e ao sexo. A escrita apresenta a situação de vida de trabalhadores, a falta de dinheiro, a promiscuidade, os relatos animais atribuídos a serem humanos (CANDIDO e CASTELLO, 1997). “Nela, percebe-se a descrição fiel e esmiuçada da vida em todos os aspectos tal como o objetivo dos escritores naturalistas” (FRITSCH, 2017, p. 02). Uma das fartas passagens de amanhecer narradas n’*O cortiço* assim pode atestar:

Daí a pouco, em volta das bicas era um zunzum crescente; uma aglomeração tumultuosa de machos e fêmeas. Uns, após outros, lavavam a cara, incomodamente, debaixo do fio de água que escorria da altura de uns cinco palmos. O chão inundava-se. As mulheres precisavam a prender as saias entre as coxas para não as molhar; via-se-lhes a tostada nudez dos braços e do pescoço, que elas despiam, suspendendo o cabelo todo para o alto do *casco*; os homens, esses não se preocupavam em não molhar o pêlo, ao contrário metiam a cabeça bem debaixo da água e esfregavam com força as ventas e as barbas, *fossando* e fungando contra as palmas da mão. As portas das latrinas não descansavam, era um abrir e fechar de cada instante, um entrar e sair sem tréguas. Não se demoravam lá dentro e vinham ainda amarrando as calças ou as saias; as crianças não se davam ao trabalho de lá ir, despachavam-se ali mesmo, no capinzal dos fundos, por detrás da estalagem ou no recanto das hortas. O rumor crescia, condensando-se; o zunzum de todos os dias acentuava-se; já se não destacavam vozes dispersas, mas um só ruído compacto que enchia todo o cortiço. Começavam a fazer compras na venda; *ensarrilhavam-se* discussões e rezingas; ouviam-se gargalhadas e pragas; já se não falava, gritava-se. Sentia-se naquela fermentação sanguínea, naquela gula *viçosa* de plantas rasteiras que mergulham os pés vigorosos na lama preta e nutriente da vida, o prazer animal de existir, a triunfante satisfação de respirar sobre a terra (AZEVEDO, 1994, p.26-27).

O período literário brasileiro que parte do ano de 1902 a 1922 é compreendido como Pré-modernismo. As críticas sociais, econômicas e políticas nutridas a partir da proclamação da Independência do Brasil, da Guerra de Canudos e o surgimento das favelas contribuiu para o início do movimento (SOUZA, 2021). Ainda para Souza (2021) as disparidades sociais promovidas pela miséria causada pela abolição que não acolheu a mão de obra não mais escrava e a fome provocada pela seca no nordeste, concatenando a conflitos políticos, fez com que autores apontassem essa realidade nas reflexões de suas obras. “No mais, os autores desse período imprimiam em suas obras elementos que preanunciavam o **modernismo**, tais

como: nacionalismo crítico, realismo, crítica social, política e econômica” (SOUZA, 2021, p.01).

Tendo hora e data do seu início o Modernismo é marcado por um evento clamoroso e até certo ponto polêmico. A Semana de Arte Moderna, que reuniu “apresentações de dança, música, recital de poesias, exposição de obras - pintura e escultura - e palestras” (AIDAR, 2021), realizada em fevereiro de 1922, se mostrou como um divisor de águas no campo intelectual e do corte às amarras a estilos literários anteriores como afirma Bosi (2017). Entretanto, as características e ideias trazidas em primeiro olhar pelo Modernismo, na percepção de Bosi, oferecem a seguinte meditação:

Como os promotores da *Semana* traziam, de fato, ideias estéticas originais em relação às nossas últimas correntes literárias, já em agonia, o Parnasianismo e o Simbolismo, pareceu aos historiadores da cultura brasileira que *modernista* fosse adjetivo bastante para definir o estilo dos novos, e o *Modernismo* tudo o que se viesse a escrever sob o signo de 22. Os termos, contudo, são tão polivalentes que acabam não dizendo muito, a não ser que determinem, por trás da sua vaguidade:

- a) as situações socioculturais que marcaram a vida brasileira desde o começo do século;
- b) as correntes de vanguarda europeias que, já antes a I Guerra, tinham radicalizado e transfigurado a herança do Realismo e do Decadentismo (p. 323).

Embora tenha sofrido diversas aclamações e críticas semelhantes às de Bosi (2017), o Modernismo se sagrou através do seu traço principal: a liberdade. Além de isso afirmar, Diana (2020) assevera que a quebra de paradigmas e de fatores tradicionais aliados à fragmentação, síntese, busca pela linguagem brasileira, nacionalismo, ironia, humor e paródia, relato do cotidiano, revisão crítica do passado histórico e cultural e o subjetivismo são as marcas que definem o movimento literário. Para mais, o Modernismo se divide em três fases: a Primeira que se inicia em 1922, tendo o nacionalismo ufanista exagerado e utópico e uma linguagem coloquial como uma de suas principais marcas. O nacionalismo, universalismo e regionalismo; a literatura construtiva e politizada, que vai de 1930 a 1945, compreendendo à Segunda Fase. E a Terceira Fase que apresenta um estilo de escrita mais academicista, de retorno ao passado e que tem uma linguagem mais objetiva, indo de 1945 até 1980 (DIANA, 2020).

Um dos mais conhecidos escritores da Segunda Fase do Modernismo brasileiro, Graciliano Ramos, autor empregado nesse estudo e tido pela teoria literária como neorrealista, apresenta em suas obras uma vasta diversidade regional e cultural. Um Brasil mais pluralizado e que apresenta o homem da área rural e sua cultura peculiar (AMARAL, 2012). “- Obrigado, Deus o acrescente. Sinto muito ter-lhe causado incômodo. Adeus. E não me

venha com a sua justiça, porque se vier, eu viro cachorro doido e o senhor morre na faca seca” (RAMOS, 1977, p. 15).

Caminhando para o momento de agora, do movimento literário que habita os dias atuais, se tem a Literatura Contemporânea, ou o movimento Literário das Tendências Contemporâneas. Ele abarca produções do final do século XX e da primeira metade do século XXI (DIANA, 2019). A Professora Daniele Diana (2019) expõe que o presente movimento literário engloba características de todas as escolas anteriores, sobretudo, do Modernismo: o qual apresenta em suas composições a ruptura com os valores tradicionais e a liberdade como sua intérprete maior. Contudo, a identidade nesse momento não é mais uma busca, promovida em larga escala nas elaborações anteriores, e sim a revelação de uma crise existencial do homem pós-moderno.

As características do estilo de criação na Literatura Contemporânea habitam na união da arte erudita e popular, no engajamento social, na literatura marginal e em outros aspectos que elegem ecletismo e as singularidades como protagonistas no modo de escrita (DIANA, 2019).

4. O SUICÍDIO NA LITERATURA BRASILEIRA E SUAS IMPLICAÇÕES PSICOLÓGICAS NA LOGOTERAPIA

As personagens escolhidas para representar o vazio existencial quando o sentido da vida é diminuído pertencem às Escolas Literárias do Naturalismo, Modernismo e das Tendências Contemporâneas. Nesta análise a psicologia explana pelo interior das produções literárias brasileiras as possíveis causas da decisão à morte voluntária. Para Neto (2015) o suicídio é “um fenômeno extremamente complexo e multideterminado, ou seja, não ocorre por um único fator ou causa. Devemos levar em consideração aspectos individuais, sociais, culturais, ambientais, religiosos, psicológicos e psiquiátricos” (p.18). Contudo, a análise a ser empregada partirá dos casos da enfermidade da alma, não de análises psiquiátricas profundas com base psicopatológica, e sim no incesso de sentido aos cansados da vida através dos meios da Logoterapia (FRANKL, 2019).

O Cortiço (1890), romance naturalista produzido por Aluísio Azevedo, expõe com devida maestria a tendência determinista - movimento filosófico que assiste a determinação do comportamento como tendo uma causa pré-existente (LAURENTI, 2010). Mostrando que a influência do meio recai diretamente sobre os indivíduos Azevedo ambienta *O Cortiço* em uma alegoria de Brasil do século XIX.

O autor apresenta moradias de pessoas pobres na cidade do Rio de Janeiro. João Romão é um vendeiro avarento, dono da estalagem capaz de tudo para poder acumular dinheiro. Ao lado da força de trabalho explorada de Bertoleza, escrava fugitiva, construiu um patrimônio colossal à custa de furtos, trapaças, explorações, acordos e fraudes. O autor narra o destaque do proletariado e faz a análise do fenômeno coletivo (CANDIDO e CASTELLO, 1997) através de moradias insipientes e personagens de destaque em sua obra. Rita Baiana, Pombinha, Piedade, Firmo, Jerônimo e outros ajudam a dar liga necessária para que a condução da trama siga até João Romão se afeiçoar à filha de Miranda, seu principal inimigo. Pretendendo casar-se com a moça, a fim de entrar de fato para a alta sociedade e adquirir um título de nobreza, Romão se vê impedido, pois Bertoleza não era sua escrava, embora muito o parecesse, mas sim sua companheira. João Romão aciona os antigos donos de Bertoleza para poder livrar-se dela e executar seu plano. Bertoleza ao se dar conta que seria pega então se mata.

Outro avarento e apaixonado por juntar riqueza é apresentado por Graciliano Ramos em *São Bernardo* (1934). O romance modernista regional mostra a narrativa em primeira pessoa feita por Paulo Honório e suas peripécias inescrupulosa antes e durante de se tornar dono da fazenda São Bernardo. Roubando, matando, praticando toda e qualquer atividade para alcançar seu objetivo: a compra da fazenda. Paulo Honório tem o apoio de aliados importantes na política, na justiça e na religião. Quando se torna latifundiário dando um golpe no dono da São Bernardo, Paulo Honório se vê na obrigação de arranjar um casamento e ter um herdeiro para encabeçar seus negócios quando não mais pudesse.

Com intensa dedicação, como tudo que elaborava, o fazendeiro então consegue desposar Madalena, professora normalista que morava com a tia. Madalena se mostra diferente do que Paulo pretendia para ela como esposa. Interessada na vida dos empregados, na escola da propriedade e na administração dos negócios Madalena irrita Paulo Honório por não podê-la controlar, como fazia com todos ao seu redor. Consumido por um ciúme excessivo o capitalista torna seu casamento um peso de sofrimento, humilhação, solidão e infindáveis angústias à jovem professora. Mesmo com o nascimento do filho a fúria violenta de Paulo Honório não é amenizada. Madalena se despede do marido ao fim de uma intensa discussão quando ele a vê escrevendo uma carta, supondo ele ser para um amante. Madalena é encontrada morta no dia seguinte por sua tia e empregados da fazenda. A carta de sua escrita era uma despedida ao marido, que ao fim deste episódio se acha sozinho observando o que havia feito ao longo de sua vida.

O romance *Barba Ensopada de Sangue* (2012) de Daniel Galera traz um frescor ágil, tenaz e eclético da Literatura Contemporânea. O autor escreve sobre um professor de educação física anônimo, que possui uma doença a qual não o permite lembrar-se dos rostos de ninguém. Movido pelo mistério da morte do avô, o professor embarca solitário em viagem atrás de respostas. Após a traição por parte da noiva com o irmão e do suicídio do pai, também anônimo, o protagonista circula em uma moldura de fracassos e da supressão da causa da morte do pai.

É possível empreender, através de um olhar voltado à Logoterapia, que “o homem é, sobretudo, pleno de uma ‘vontade de sentido’. Isto significa aquilo que é frustrado nele próprio quando é invadido pelo sentimento de falta de sentido e vazio” (NETO, 2015 apud FRANKL, 1995). Diante dos fragmentos que seguirão, é possível observar a frustração existencial quando os personagens se deparam com a falta de sentido promulgada pela supressão da liberdade elevadas a eles. Todavia, não significando concluir que as inquietações provadas pela desistência de buscar sentido são caminhos de permanência. Ou seja: é diante de um sofrimento que o homem também tem a possibilidade de encontrar sentido na sua vida (FRANKL, 2019).

Inicialmente, se dispõem as proposições elencadas por Paulo Honório em *São Bernardo* (1977). Elas rumam na austeridade da figura do feminino, da capacidade intelectual, religiosa e outros como forma de minimização da liberdade da sua esposa Madalena em detrimento dele: homem, marido e “possuidor daquela mulher”.

“Não me ocupo com amores, devem ter notado, e sempre me pareceu que mulher é um bicho esquisito, difícil de governar” (RAMOS, 1977, p.54).

- A Madalena?

- Sim. Encontrei-a uma noite destas e gostei da cara. É moça direita?

Azevedo Gondim encetou a quarta garrafa de cerveja e desmanchou-se em elogios.

- Mulher superior. Só os artigos que publica no **Cruzeiro!**

Desanimei:

- Ah! Faz artigos!

- Sim, muito instruída. Que negócio tem o senhor com ela?

- Eu sei lá! Tinha um projeto, mas a colaboração no **Cruzeiro** me esfriou. Julguei que fosse uma criatura sensata (RAMOS, 1977, p. 77-78).

“- Ora essa! Não lhe tenho contado pedaços da minha vida? O que não contei vale pouco. A senhora, pelo que mostra e pelas informações que peguei, é sisuda, econômica, sabe onde tem as vendas e pode dar uma boa mãe de família” (RAMOS, 1977, p. 81).

Tenho portanto um pouco de religião, embora julgue que, em parte, ela é dispensável num homem. Mas mulher sem religião é horrível.

Comunista, materialista. Bonito casamento! Amizade com o Padilha, aquele imbecil. Palestras amenas e variadas.” Que haveria nas palestras? Reformas sociais, ou coisa pior. Sei lá! Mulher sem religião é capaz de tudo (RAMOS, 1977, p. 120).

“Eu tinha razão para confiar em semelhante mulher? Mulher intelectual” (RAMOS, 1977, p. 124).

Para mais, seguem os trechos de *O Cortiço* (1890) e de *Barba Ensopada de Sangue* (2012). N’*O Cortiço*, a união de Bertoleza e de reconhecimento de João Romão como seu senhor. Os fragmentos evidenciam que Bertoleza chegou para João, quando fugiu de seu dono, como uma fonte de trabalho, parceira de engendros e alívio sexual, mas não como esposa, nem como mulher livre. O esvaziamento de sentido na vida de Bertoleza também é algo visto por ela quando João Romão decide mudar de vida. Do mesmo modo quando ela se avizinha da possibilidade de voltar a ser propriedade dos antigos donos. No romance de Galera (2012) o pai do professor traz angústias de se encontrar preso ao que ninguém consegue escapar: o envelhecer. Ele refere não achar justificativa em estar vivo diante do que está se passando com ele em detrimento da vida de prazeres fartos quando jovem.

Bertoleza representava agora ao lado de João Romão o papel tríplice de caixeiro, de criada e de amante. *Mourejava* a valer, mas de cara alegre; às quatro da madrugada estava já na *faina* de todos os dias, aviando o café para os fregueses e depois preparando o almoço para os trabalhadores de uma pedreira que havia para além de um grande capinzal aos fundos da venda. Varria a casa, cozinhava, vendia ao balcão na taverna, quando o amigo andava ocupado lá por fora; fazia a sua quitanda durante o dia no intervalo de outros serviços, e à noite passava-se para a porta da venda, e, defronte de um fogareiro de barro, fritava fígado e *frigia* sardinhas, que Romão ia pela manhã, em mangas de camisa, de tamancos e sem meias, comprar à praia do Peixe. E o demônio da mulher ainda encontrava tempo para lavar e consertar, além da sua, a roupa do seu homem, que esta, valha a verdade, não era tanta e nunca passava em todo o mês de alguns pares de calças de *zuarde* e outras tantas camisas de *riscado* (AZEVEDO, 1994, p. 3-4).

“Bertoleza, com uma grande colher de zinco gotejante de gordura, apareceu à porta, muito ensebada e suja de tisna; e, ao ver tanta gente reunida, gritou para seu homem:

- Corre aqui, seu João, que eu não sei o que houve!”(AZEVEDO,1994, p. 92).

E Bertoleza bem que compreendia tudo isso e bem que estranhava a transformação do amigo. Ele ultimamente mal se chegava para ela e, quando o fazia, era com tal repugnância, que antes não o fizesse. A desgraçada muita vez sentia-lhe cheiro de outras mulheres, perfumes de cocotes estrangeiras e chorava em segredo, sem ânimo de reclamar os seus direitos Na sua obscura condição de animal de trabalho, já não era amor o que a mísera desejava, era somente confiança no amparo de sua velhice quando de todo lhe faltassem as forças para ganhar a vida. E contentava-se em suspirar no meio de grandes silêncios durante o serviço de todo dia, covarde e resignada, como seus pais que a deixaram nascer e crescer no cativeiro. Escondia-se de todos, mesmo da gentalha do frege e da estalagem, envergonhada de si própria, amaldiçoando-se por ser quem era, triste de sentir-se a mancha negra, a indecorosa nódoa daquela prosperidade brilhante e clara.

Todo o dono, nos momentos de bom humor, afaga seu cão... Mas qual! O destino de Bertoleza fazia-se cada vez estrito e mais sombrio; pouco a pouco deixava de ser totalmente a amante do vendeiro, para ficar sendo só uma escrava. Como sempre, era a primeira a erguer-se e a última a deitar-se; de manhã escamando peixe, à noite vendendo à porta, para descansar da trabalhadeira grossa das horas de sol; sempre sem domingo nem dia santo, sem tempo para cuidar de si, feia, gasta, imunda,

repugnante, com o coração eternamente emprenhado de desgosto que nunca vinham à luz (AZEVEDO, 1994, p. 183-184).

Reconheceu logo o filho mais velho do seu primitivo senhor, e um calafrio percorreu-lhe o corpo. Num relance de grande perigo compreendeu a situação; adivinhou tudo com lucidez de quem se vê perdido para sempre: adivinhou que tinha sido enganada; que sua carta de alforria era uma mentira, e que seu amante, não tendo coragem para matá-la, restituía-a ao cativo (AZEVEDO, 1994, p.219).

Não tô brincando e não quero que tu me convença de nada. Tô de saco cheio. Acho que começou com aquela cirurgia de hemorroida. No meu último check-up o médico viu os exames e me olhou com uma cara de morte, de decepção por toda a raça humana. Tive impressão de que ele ia se demitir na minha causa como se fosse um advogado. E ele tem razão. Tô começando a ficar doente e não tô a fim. Não sinto mais o gosto da cerveja, os charutos tão me fazendo mal e não consigo parar, não tenho vontade nem de tomar Viagra pra fuder, não tenho *nostalgia* de fuder. Essa vida é comprida demais e não tenho paciência. Viver depois dos sessenta, pra quem teve uma vida como a minha, é uma questão de teimosia. Respeito quem investe nisso, mas não tô a fim. Fui até uns dois anos atrás e agora quero ir embora. Quem acha errado que viva até os cem se quiser, desejo sucesso. Nada contra (GALERA, 2012, p. 30).

Aludindo aos presentes fragmentos sobre a escassez de liberdade, ou a diminuição dela, sob à luz de Santos, et. al. (2013) é possível empreender que sem dúvida alguma o homem é livre, mas de forma flutuante, pois encontra-se envolvido em vários vínculos, eles funcionam para que sua liberdade seja motivada, porém, essa adesão não significa submissão alguma. Ele também afirma que o “ser humano se constrói na medida em que ele realiza suas escolhas e confronta o seu destino” (p. 19).

Em resumo, o sujeito é capaz de determinar-se de forma responsável diante da sua liberdade de escolha, por exemplo. Essa capacidade faz com que ele reflita sobre o peso e a consequência de suas ações. Ser livre para reagir diante das situações, em que o outro também está, é responsável, é salutar. No entanto, quando do contrário: em que há supressão máxima de autodeterminação conferida pelo outro, tal como se vê nos trechos expostos, o sujeito pode experimentar a fuga no sentido de viver.

Tal condição conduz, no futuro, ao que denominamos, no senso comum, de “crises existenciais”. Se seguirmos um fluxo razoavelmente coerente com a realidade, as crises existenciais, caso não sejam bem elaboradas, levam o indivíduo ao vazio, à falta de sentido, e talvez ao suicídio (NETO, 2015, p. 21).

O sofrimento indicado pelas personagens é condicionado a um movimento estático; existe um apego a ele e um acreditar não ser possível resolver ou não poder resolver as situações. Assim, as mesmas optam pelo suicídio como tentativa última de se resolver suas angústias. Alinhado a isso Lima e Sá (2020) inserem que não é algo proposital, mas muitas pessoas acometidas pela frustração existencial possuem intensa dificuldade em se autoprojetar e encontrar soluções variadas para seus problemas. Tal feita “nos leva a pensar sobre a

desistência desse sujeito de sua própria vida perante os conflitos sem soluções aos quais estão presos, estes o impedem de encontrar sentido naquele momento de suas vidas” (n.p.).

Embora que por mais difíceis e limítrofes possam parecer as situações, de tal sorte os destinos de Bertoleza, Madalena e o do pai do professor de educação física, sempre há uma saída, uma rota elaborada para que o homem possa se mover em direção a um objetivo (FRANKL, 2019). Excetuando-se os casos de base psicopatológica Viktor Frankl (2019) conclui que o suicídio nunca tem justificção, pois sempre existirá um porquê lutar e decidir. “A este propósito, haveria que chamar-lhes, antes de mais, a atenção para o fato de que o cansaço de viver é um sentimento, nunca um sentimento podendo representar, porém, um argumento” (n.p.). A possibilidade de reconstituição da pessoa, observando o prisma da possibilidade de viver, apesar de tudo, é encontrada na capacidade de realização à maneira como ela encara e suporta o sofrimento (NETO, 2015 apud FRANKL, 1991).

Ainda na decisão de viver sob qualquer circunstância a fim de encontrar sentido na vida, a epígrafe com a qual se inicia este trabalho traz a música *Vivendo* (2021) da intérprete Kell Smith em parceria com o padre Fábio de Melo. Sobre ela é possível assegurar que a vida é o melhor caminho para que o caos seja superado, que é possível encontrar sentido na própria vida, em novo amanhecer, como alude à própria canção.

Para a Logoterapia, em determinadas circunstâncias, não se trata apenas de mobilizar a vontade de sentido, mas também de despertá-la ali onde se encontra soterrada, onde permanece inconsciente, onde se encontra reprimida (FRANKL, 2015). A frustração existencial ou frustração da vontade de sentido, quando impede o indivíduo de enxergar outras possibilidades, deve ser conduzida de modo terapêutico. “Conseguir isso é um dos objetivos mais nobres da Logoterapia - enquanto orientado ao logos -, o que, em uma relação concreta, significa: um tratamento orientado para o sentido (e reorientador do paciente!)” (p.72). Não se pode assumir o destino de outra pessoa, muito menos substituí-la no sofrimento (NETO, 2015 apud FRANKL, 1991), mas

O que importa conseguir é convencer estes homens de que, não são capazes de continuar a viver sem aquilo que, por uma razão ou por outra, não podem ter; mas também de que têm de ver uma boa parte do sentido da sua vida precisamente em superar interiormente a sua infelicidade, em crescer com ela, mostrando-se à altura do seu destino, muito embora lhes seja negada alguma coisa (FRANKL, 2019, p. 122).

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A frustração existencial, ou a frustração de sentido na vida é comum ao homem moderno desde que o mesmo elencou prazeres, ambições e inquietações acima de um sentido

maior para se viver. Assim, tais questões quando esgotadas, ou alcançadas não são capazes de conferir realização a ele. Dando-se conta desta fatal verdade, o homem se lança em um abismo de questionamentos infundáveis quanto ao sentido da sua existência. Outro fator que confere esvaziamento de sentido no viver pôde ser constatado a partir do presente estudo quando se faz referência à supressão da liberdade do sujeito. No instante em que indivíduo é tolhido de sua liberdade e não consegue contrapor-se em direção às escolhas responsáveis, quer por força da sua condição biológica - como a situação do pai do professor de educação física - quer por imposição de outros - em exemplo Bertoleza e Madalena - é inaugurado nele uma frustração de sentido de sua vida.

Frente à análise da relação à fuga de um objetivo de vida causada pelo regime da liberdade, aos casos dos sujeitos que apresentam dificuldades em solucionar problemas ou não conseguem se enxergar fora do sofrimento através de autodeterminações, alheia da via psicopatológica, é possível concluir que isto pode ser motivo suficiente à condução de um suicídio. O vazio existencial é o alimento que pode nutrir a decisão da morte voluntária (NETO, 2015).

Cabe também trazer ao meio à reflexão da máxima que rodeia os eventos propostos no mês de setembro, mês de prevenção ao suicídio no Brasil. “Quem comete suicídio não quer se livrar da vida, mas sim da dor”. Ainda no levante das reflexões é válido indagar sobre situações extremas de regime da liberdade, como na escravidão, em que a busca de sentido é ainda mais difícil diante da dificuldade de contraposição.

Em análise da máxima e da indagação, se a decisão do suicídio é unicamente um meio para não mais sofrer, convém dizer que é uma afirmação falida. Pois segundo o próprio Frankl (2019) criador da abordagem científica da psicologia orientada ao sentido da vida - a Logoterapia – é possível encontrar sentido na vida, inclusive no sofrimento. O sentido em viver é encontrado e se comporta de modos variados para e a cada sujeito (NETO, 2015). Ilustrando essa colocação o livro-relato *Em Busca de Sentido Um Psicólogo no Campo de Concentração* (2017) da autoria de Viktor Frankl assegura a possibilidade de contrapor-se responsabilmente de forma livre, embora que minimamente, diante do extremo sofrimento. Frankl descreve que muito companheiros do cárcere nazista achavam o sentido para não sucumbir em trocas de cigarros, “o momento de dar um trago”. Alguns deles em seu passado, outros no pensamento de um dia ser livre e o próprio Frankl na mentalização de reencontrar sua família e publicar seu livro na possibilidade de sair com vida da prisão. Achar sentido na vida assume um romanceio de felicidade extrema, ou capitalista (o ter), contudo, infelizmente

assim não se procede. Felicidade pode ser algo do processo de sentido, mas o que leva o homem a se mover é o objetivo maior que ele próprio descobre. Destarte, quem comete suicídio tem dificuldades extremas em achar sentido em sua vida e até mesmo no sofrimento, por maior que ele possa ser.

A literatura brasileira, importante material bibliográfico acolhido neste estudo, é um terreno fértil para análises de comportamentos dos indivíduos, pois espelham da sociedade, ou exprimem injunções de métodos de viver que muito interessam à psicologia, sobretudo a abordagem da Logoterapia. Como outrora exposto, ela se ocupa em verificar, ou tratar, os sofrimentos promovidos quanto ao sentido da vida e às frustrações recorrentes dele.

O presente estudo habita também na importância de evidenciar o surgimento de patologias psicológicas ou sociais e como elas se dissolveram ao longo do tempo no arcabouço das produções literárias existentes. Desta forma, é possível concluir, através de referências científicas, que a literatura do Brasil é um registro pouco explorado no tocante ao estudo de doenças psicológicas, cabendo aqui o humilde clamor à produções futuras semelhantes a esta.

REFERÊNCIAS

- AMARAL, A. O modernismo brasileiro e o contexto cultural dos anos 20. **Revista USP**, [S. l.], n. 94, p. 9-18, 2012. DOI: 10.11606/issn.2316-9036.v0i94p9-18. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/revusp/article/view/45021>. Acesso em: 10 de set. 2021.
- ANDRADE, P.P.L. - “A literatura e o comportamento humano”. **Psicologia.pt** - O Portal dos Psicólogos. [Em linha]. 2010. [Consult. a 20.07.2021]. Disponível em: <https://www.psicologia.pt/artigos/>. ISSN 1646-6977.
- AQUINO, S. C; PENNA, M. **Princípios da Logoterapia de Viktor Frankl: motivações e busca do sentido da vida no contexto da Educação Musical**. In: XXVI Congresso da Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Música. Belo Horizonte, 2016. Disponível: <https://anppom.org.br/anais/anaiscongresso_anppom_2016/4309/public/4309-14229-1-PB.pdf>. Acesso em: 06 de ago. 2021.
- AIDAR, Laura. **Semana de arte moderna**. Toda Matéria, 2021. Disponível em: <https://www.todamateria.com.br/semana-de-arte-moderna/>. Acesso em: 30 de out. 2021.
- AZEVEDO, Aluísio. **O Cortiço**. São Paulo: CERED, 1994.
- BORGES, P. D. V. R. História e Literatura: Algumas Considerações. *rth* |, [S. l.], v. 3, n. 1, p. 94–109, 2014. Disponível em: <https://www.revistas.ufg.br/teoria/article/view/28658>. Acesso em: 20 jun. 2021.
- BOSI, Alfredo. **História concisa da literatura brasileira**. 51 ed. São Paulo: Cultrix, 2017.
- CASSORLA, Roosevelt M. S. **Suicídio: fatores inconscientes e aspectos socioculturais: uma introdução** / Roosevelt Moises Smeke Cassorla. – São Paulo: Blucher, 2017. 112 p.
- CANDIDO, Antonio; CASTELLO, José A. **Presença da literatura brasileira I** – Das origens ao realismo. 8ª ed. Rio de Janeiro: Bertrand do Brasil, 1997.
- DIANA, Daniela. **Características do modernismo**. Toda Matéria, 2020. Disponível em: <https://www.todamateria.com.br/caracteristicas-do-modernismo/>. Acesso em: 10 de set. 2021.
- DURKHEIM, E. **O suicídio: estudo de sociologia**. São Paulo: Edipro, 2014 [1897].
- FLOR, Alan. O naturalismo no Brasil sob suspeição. In: CONGRESSO INTERNACIONAL FLUXOS E CORRENTES: TRÂNSITO E TRANSIÇÕES LITERÁRIAS. 14., 2015, Belém. **Anais eletrônicos**: INSSN 2317-17X. Belém: ABRALIC, 2015. p. 01 – 12. Disponível em: https://abralic.org.br/anais/arquivos/2015_1455907177.pdf. Acesso em: 20 de ju. 2021.
- FRANKL, Viktor E. **A vontade de sentido: fundamentos e aplicações da logoterapia** / Viktor E. Frankl; [tradução Ivo Studart Pereira]. – Ed. Ampl., com um novo posfácio do autor. – São Paulo: Paulus, 2011.
- FRANKL, Viktor E. **Em busca de sentido: um psicólogo no campo de concentração** / Viktor E. Frankl. Traduzido por Walter O. Schlupp e Carlos C. Aveline. 45. Ed. – São Leopoldo: Sinodal; Petrópolis: Vozes, 2019.

FRANKL, Viktor E. Frankl. **Em busca de sentido: um psicólogo no campo de concentração**/Viktor E. Frankl. Traduzido por Walter O. Schlupp e Carlos C. Aveline. 42 ed – São Leopoldo: Sinodal; Petrópolis: Vozes, 2017.

FRANKL, Viktor E. (Viktor Emil), 1905 – 1997. **Logoterapia e análise existencial: textos de seis décadas**/ Viktor E. Frankl; tradução Marco Antônio Casanova. – Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2017.

FRANKL, Viktor E. (Viktor Emil), 1905 – 1997. **O sofrimento de uma vida sem sentido: caminhos para encontrar a razão de viver** / Viktor Frankl; tradução Karleno Bocarro. 1. Ed. – São Paulo: É Realizações, 2015. 128 p.; 23 cm.

FRANKL, Viktor. **Psicoterapia e sentido da vida: fundamentos da logoterapia e análise existencial**/ Viktor Frankl; tradução de Alípio Maia de Castro - 7ª ed. – São Paulo: Quadrante, 2019.

FRITSCH, Camila E. A representação histórica de *o cortiço*: um retrato do Brasil do fim do segundo Império. **Revista de Divulgação Científica em Língua Portuguesa, Linguística e Literatura**. Ano 13 - n.20 – 1º Semestre – 2017 – ISSN 1807-5193. Disponível em: http://www.letramagna.com/artigos_20/artigo_x_2_20.pdf. Acesso em: 20 de jun. 2021.

GALERA, Daniel. **Barba ensopada de sangue**/ Daniel Galera. - 1ª ed. – São Paulo: Companhia das Letras, 2012.

HOLANDA, A. F; Amarante, V. H. O paradoxo do sentido: da unicidade do real para a tensão liberdade-responsabilidade na logoterapia. **PsicoFAE**, Curitiba, v. 2, n. 2, p. 9-26, 2013. Disponível em: <https://revistapsicofae.fae.edu/psico/article/view/21>. Acesso: 29 de ago. 2021.

LAURENTI, Carolina. Determinismo, probabilidade e análise do comportamento. **PEPSIC – Periódicos Eletrônicos em Psicologia**. Temas psicol. vol.16 no. 2. Ribeirão Preto, 2008. ISSN 1413-389X. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-389X2008000200003. Acesso em: 30 de out. 2021.

LIMA, Urssula, A. J.; SÁ, Lorena B. M. **Logoterapia e suicídio: a busca de sentido como prevenção ao vazio existencial**. *Kindle Unlimited/ eBook Kindle*, 2020.

MAIA, M.P.; PINE, M.; BERVIQUE, J.A. Abordagem sucinta da neurose noogênica e do tédio existencial, em Viktor Frankl. FAEF – **Revistas Científicas Eletrônicas**, São Paulo, 15ª ed., n. 04, p. 01-06, nov.2010. Disponível em: http://faef.revista.inf.br/imagens_arquivos/arquivos_destaque/mugJCBU97OBL1NJ_2013-5-13-15-52-28.pdf. Acesso em 20 jun. 2021.

NETO, Carlos H. A. O sentido na vida como fator de proteção ao suicídio. **Revista Brasileira de Psicologia**, Salvador, Bahia, v. 2, n. 2, p. 17-27. 2015. Acesso: 06 de ago. 2021.

PETER, Ricardo, 1943 – Viktor Frankl: **a antropologia como terapia** / Ricardo Peter; tradução de Thereza Christina Stummer – São Paulo: Paulos, 1999.

RAMOS, Graciliano. 1892 – 1953. **São Bernardo**; posfácio de Luiz Antônio Lafetá, Ilustrações de Darel. 27ª ed. Rio, Record (1977). 248 p.

SANTOS, Alessandra R. A importância da literatura como fonte de pesquisa na construção do pensamento social brasileiro. **UFRR – ENXAMÃPACU - Revista Eletrônica de Ciências Sociais, História e Relações Internacionais**. Boa Vista, capa >v.1, n.1, 2008. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.18227/1983-9065ex.v1i1.1466>. Acesso em 20 jun. 2021.

SANTOS, Fabrício M.et al. **Promovendo o lugar de fala: relato de experiência com idosas da Universidade Aberta à Maturidade em observância dos aspectos biopsicossociais que envolvem o envelhecimento humano**. Tópico em Ciências da Saúde. 1ed. Belo Horizonte/MG: Editora Poisson, 2019, v. 12, p. 26-32.

SANTOS, G. M.; BARBOSA, G. G.; AQUINO, T.A.A. (Orgs.). **Logoterapia na prática: intervenções clínicas sob a perspectiva da análise existencial de Viktor Emil Frankl**. 21 ed. Campina Grande: EDUEPB, 2013. 238 p.

SMITH, K.; MELO, Pe. F. **Vivendo**. Rio de Janeiro: Altafonte Brasil, 2021. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=-8M7azlWdxE>. Acesso em: 18 de set. 2021.

SOUZA, Felipe de. **Suicídio – História e taxas no Brasil e no mundo**. Disponível em: <https://tecnoblog.net/247956/referencia-site-abnt-artigos/>. Acesso em 20 de ju. de 2021.

SOUZA, Warley. **Pré-modernismo: contexto histórico, autores, obras**. Português, 2021. Disponível em: <https://www.portugues.com.br/literatura/pre-modernismo.html>. Acesso em 30 de out. 2021.

AGRADECIMENTOS

Deus, pela vida, os livramentos e toda proteção ao longo destes 25 anos de caminhada.

À minha mãe, Solange e meu pai, Antônio Miguel, grato pelo amor inigualável e por todas as apostas possíveis em mim. Queridos, sou só o resultado do que puderam fazer em minha vida.

Aos meus irmãos Fabianos e minhas sobrinhas Ray e Kiki: grato pelo afago e cuidado extremo comigo. Eu os amo!

Às minhas primas e o resto da minha família, não quero ser orgulho para ninguém. Quero apenas mostrar que como o primeiro a conseguir um diploma em um ensino superior, posso deixar o caminho aberto para que também o façam.

Àquele professor do ensino médio, pois é, estou concluindo o curso e este é meu TCC. Não segui seu conselho, fiz Enem e entrei no curso tão “concorrido que estudante de escola pública não passa”. Espero poder mandar uma cópia ao senhor.

À Raisa Karina, pelo carinho, amizade sincera e cuidado. Eu a amo! Também grato pelo livro *O Cortiço*, versão que me ajudou na escrita deste trabalho.

À Drielle Leal, que tanto me ajudou no processo de escrita, quando tudo estava “travado” na minha cabeça.

À Caroline Rodrigues, pelo anjo que não é só em minha vida, mas na de todos.

À Ayanna Carla, pelo suporte primoroso na confecção da minha apresentação.

A Marcelo Rafael, pelas trocas e apoios constantes.

A Victor Hugo, pela doçura e amizade infinita.

Aos outros que marcaram meu coração ao longo de pouco mais de seis anos de jornada: Vinícius Anselmo, Patrícia Santos, Luana Morgana, Larissa Ketla, Alice, Ana, Almira, Rita de Cássia, Lucas, Laura, Júlia, Lorrany, Camila, Stênia, Críscia Delancout, Dora, Larissa Pontes, Ênio, João, Thiago, Karen e Laís. Obrigado pela parceria e amizade, meus queridos!

Ao professor Thiago Fernandes, querido amigo, profissional e humano: ter você como supervisor me fez encontrar na minha prática ainda mais.

À professora Raisal Fernandes, pela paciência, compreensão e apoio nas minhas decisões de orientação.

À professora Adeilma Machado, pelo apoio e carinho na minha caminhada antes mesmo de entrar na universidade.

Aos professores que foram grandes queridos ao longo da graduação: Andrade, Lígia, Josevânia, Caroline, Helissa e Laércia: títulos não são tudo!

Às professoras que foram grandes referenciais em minha vida: Ana Maria Abílio, Luzinete das Neves, Ana Lúcia Costa, Vera Lúcia e Vera Lúcia Ribeiro: vocês têm um lugar específico em meu coração.

A todos os meus amigos (os quais não dão para nominar integralmente), colegas de trabalho, pessoas com quem compartilhei minhas angústias e desafios: **MUITO OBRIGADO!**

Ao departamento de Psicologia e a todos que o compõem: minha estima e minha saudade!